

AS INFLUÊNCIAS DO CAPITALISMO NA PRODUÇÃO CAMPONESA DE ALIMENTOS

Julciane Inês Anzilago¹

RESUMO: O presente ensaio tem como objetivo a tentativa de analisar os processos passados pela agricultura camponesa no decorrer do tempo, considerando alguns elementos, no intuito de observar quais são os fatores que influenciaram na mudança de concepção em se tratando da produção de alimentos no campo brasileiro e a conjuntura vivida no momento histórico à luz das aulas ministradas pelo Professor Doutor Jose Antônio Segrelles Serrano e textos indicados, principalmente, que trabalhem a Política Agrária Comunitária, na União Europeia. O artigo foi escrito para a disciplina de mestrado que chama, Tópicos Especiais: Las Políticas Agrorurales de la Unión Europea y su Preción Econômica y Social sobre los Espacios Rurales Latino Americanos¹, sendo revisado. Nele está descrito reflexões a partir das aulas frequentadas e estudo bibliográfico dirigido na disciplina. A metodologia usada foi análise comparativa das políticas e reflexões próprias influenciadas pelas leituras, estudos e formação no Movimento de Mulheres Camponesas² e na Via Campesina³. A bibliografia utilizada são dados do Ministério do Desenvolvimento e outros que trabalha a realidade do campo brasileiro, Conceição Paludo que explicita o cotidiano das mulheres e David Garcia Brener com o olhar para a realidade europeia.

Palavras-chave: Campesinato. Produção de alimentos. Agronegócio. Capitalismo.

ABSTRACT: This essay aims to attempt to analyze the processes passed by peasant agriculture over time considering some elements in order to observe what are the factors that influenced the design change in the case of food production in the Brazilian countryside and lived in the historical situation in the light of lessons taught by the professor Dr. Jose Antonio Segrelles e by some texts indicated mainly working the Community Agricultural Policy, the European Union. The article was written for the discipline master's flame, Special Topics: "Las Políticas Agrorurales de la Unión Europea y su Preción Econômica y Social sobre los Espacios Rurales Latino Americanos, being revised. In it is described as reflections of classes attended and bibliographical study directed in the discipline. The methodology used was comparative analysis of policies and reflections themselves influenced by the readings, studies and training in the Movement of Rural Women. The literature data are used by the Ministry of Development and other working reality of the Brazilian countryside, Conception Paludo that spells the daily lives of women and Garcia David Brener to look at the European situation.

Keywords: Peasantry. Food production. Agribusiness. Capitalism.

¹ Bacharel em Administração pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Mestranda em Geografia da FCT/UNESP. E-mail: julcianemmc@yahoo.com.br.

¹ Tópicos Especiais: As Políticas agrícola-rural da União Europeia e sua Pressão Economica e Social sobre os Espaços Rurais Latino Americanos.

² O Movimento de Mulheres Camponesas-MMC é um movimento de atuação no Brasil, se identifica como feminista, camponês e da classe trabalhadora e tem como missão a "libertação das mulheres de qualquer tipo de opressão discriminação", a transformação da sociedade e luta por um projeto de agricultura camponesa na ótica feminista.

³ A Via Campesina é uma articulação brasileira e internacional de organizações/movimentos sociais do campo.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo constitui-se numa reflexão dentro da temática do agronegócio sobre o campesinato no Brasil, sua contribuição para o fornecimento de alimentos e sua relação com o modo de produção capitalista a partir das aulas Prof. Dr. José Antônio Segrelles Serrano, na disciplina de Tópicos Especiais: As Políticas Agrícola-rural da União Europeia e sua Pressão Econômica e Social sobre os Espaços Rurais Latino Americanos, do Programa de Pós-Graduação *strictu senso* em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da FCT/UNESP.

A partir das aulas expositivas e da bibliografia recomendada pela disciplina procurou-se tecer o conjunto de relações que a produção de alimentos no contexto do capitalismo das grandes corporações exerce sobre a sustentabilidade do campesinato brasileiro.

2 DESENVOLVIMENTO

Historicamente, o campesinato que aglutina sujeitos empobrecidos e empobrecidas do campo, em grande medida foi marginal e marginalizado, apesar de algum reconhecimento da sua função de produzir especialmente alimentos.

No Brasil, os camponeses foram utilizados no processo desenvolvimentista, como, por exemplo, o crescimento populacional do Centro Oeste e Norte, ou seja, pessoas/famílias que moravam no Sul do país foram "colocadas" em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul com políticas para o chamado desenvolvimentismo como crédito, maquinários entre outros, principalmente, em função de transformar o cerrado em área produtiva com a criação de gado e produção de grãos.

Um fator importante a ser considerado na mudança do modelo camponês familiar de produção de alimentos é a implementação do projeto da Revolução no Brasil⁴ (informação verbal) que tem como objetivo principal a modernização da agricultura, a tecnificação dos sistemas produtivos a partir do pacote tecnológico contendo tecnologia adequada, assistência técnica e extensão rural, crédito para

⁴ Aula expositiva Professor Doutor José Antônio Segrelles Serrano da Universidad de Alicante/Espanha na disciplina Tópicos Especiais: Las Políticas Agrorurales de la Unión Europea y su Preción Econômica y Social sobre los Espacios Rurales Latino Americanos, do Programa de Pós Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia FCT/UNESP Campus Presidente Prudente /SP.

compra de máquinas e equipamentos, sementes híbridas, adubos e fertilizantes químicos, agrotóxicos entre outros, pactuando a aliança entre a indústria e a agricultura, pois esta forneceria matéria-prima impulsionando o desenvolvimento da indústria, caracterizada pela grande quantidade de produtos homogêneos, intensificação e externalização de custos e economia em escala, as produções que funcionam às margens do ecossistema. Esse modelo configura o território agrário no Brasil, pois essa adaptação tecnológica se aplica onde a terra é concentrada, onde tem mão de obra disponível e barata e natureza fértil para a produção, isto é, em grandes fazendas (reafirmando o latifúndio), com monocultura (acabando com a biodiversidade) e implantação do agronegócio (agropecuária com uma visão sistêmica dos processos produtivos).

É importante ressaltar que, entre outras, a grande missão dos camponeses e camponesas é a produção de alimentos, advindos de uma cultura histórica que se materializa no cotidiano das famílias camponesas e suas comunidades. As experiências são identificadas e carregadas no decorrer dos tempos e passadas de geração para geração.

Tendo em mente, essas duas manifestações antagônicas na agricultura Brasileira, por um lado, o modelo do Agronegócio se afirmando cada vez mais amparado por um grande montante de recursos públicos direcionados a ele, e por outro a agricultura camponesa resistindo a esse modelo desenvolvendo experiências de produção agroecológica e produção de alimentos saudáveis com uma pequena quantidade de recursos governamentais.

Mesmo com essa disputa visível de projeto na agricultura Brasileira, a produção de alimentos pela agricultura camponesa e familiar se sobrepõe ao modelo do agronegócio, isso se afirma, segundo o Ministério do Desenvolvimento Agrário (2009):

[...] a agricultura familiar produz 87% da produção de mandioca, 70% da produção de feijão, 46% da produção de milho, 38% da produção de café, 34% da produção de arroz, 21% da produção de trigo, 58% da produção de leite, 59% do plantel de suínos, 50% das aves 30% dos bovinos.

Vale ressaltar que há um grupo intermediário, que se caracteriza pela transição da agroecologia para o agronegócio.

De acordo com Speyer (1983), o campesinato brasileiro foi constituído por indígenas, africanos e portugueses e, sem dúvida teve como função a produção de alimentos tanto para a viabilização do campesinato como o abastecimento das primeiras cidades.

Nesse sentido, no decorrer dos tempos a agricultura camponesa, principalmente as mulheres, mantém e dá continuidade a essa missão da reprodução do modo camponês de viver o campo, se tratando aqui da produção das sementes das mudas na diversificação dos produtos e alimentos principalmente das sementes e, por consequência, da alimentação e sustentação das famílias. Segundo Reis (2000, p. 42):

A produção de subsistência tem como características estruturais a tendência a produzir para o autoconsumo, as trocas em espécie e ausência de especialização, contrapondo-se assim, com o modelo de agricultura de exportação desde os tempos coloniais. Tais particularidades, já nesta época, identificavam-na como economia natural pré-capitalista, tornando-se inviável como elemento dinâmico da economia colonial.

No período dos anos 1980 o campo Brasileiro sofreu uma significativa mudança no setor agrícola que passou de produtor de matéria-prima a um potencial industrial tendo dois focos importantes: a mecanização do espaço rural e o fornecimento de massa camponesa para as fábricas (PALUDO, 2009), pois as máquinas industriais precisavam dessa mão de obra para manejá-las. Passou de agrícola para industrial.

Com o avanço do pacote do agronegócio, os camponeses e as camponesas no Brasil sofreram uma grande pressão, fosse ela no âmbito das mudanças de pensamento, fosse ao âmbito da pressão na efetivação da prática da agricultura. Neste sentido, cria-se e impõe-se a cultura de troca de valores e a descaracterização da produção camponês.

Um dos argumentos dessa mudança é o viés que trabalha as questões da saúde, onde ocorre, por exemplo, a troca do uso da banha de porco pelo uso do óleo de soja. Veja algumas características dessa mudança de hábitos alimentares: primeiro, discurso em relação a saúde de que a banha de porco é uma gordura causadora do alto colesterol entre outras doenças; segundo, é o do ponto de vista da produção, o consumo do óleo de soja porque aumenta a produção de soja e

quase geralmente transgênica, advinda do monocultor; e o terceiro, é do ponto de vista cultural, que é fazer deixar de existir uma produção de animais crioulos, fazer com que a produção de porco caipira desapareça pois seria introduzido a produção de suínos de raça para a produção de carne no sistema de integração das empresas, essa carne magra produzida pelos agricultores e industrializada pelas empresas para ser vendida nos mercados e por conseguinte consumida pelos mesmos agricultores que a produziu mas, com um valor agregado a mais pago pelos consumidores. Além disso, os agricultores ingressam nos financiamentos dos bancos para conseguir fazer essa produção gerando um efeito cumulativo de dívidas. Hoje, boa parte das pequenas propriedades estão com dívidas nos bancos em função da produção.

É importante perceber como esse ciclo de reprodução do capital torna os alimentos não mais um bem de consumo da humanidade, mas sim uma mercadoria do capital com valor monetário estabelecido, que no decorrer de seu ciclo vale mais ou menos de acordo com as leis da oferta e procura. Mas, independente disso deve ser consumido. Neste sentido, quem lucra com esse ciclo são as grandes redes de distribuição de alimentos na América Latina (informação verbal)⁵. Os supermercados controlam 50-60% da distribuição de alimentos; há dez anos essa porcentagem só representava 10-20%. No Brasil, as cadeias de supermercados controlam o 43% de vendas de alimentos. As cinco maiores representam 70%; entre as empresas estão: o Carrefour, Pão de Açúcar e Wall Mart, dentre outros, com capital nacional ou de transnacionais (informação verbal)⁶.

Com isso posto, os alimentos como mercadoria tem outro aspecto importante a ser ressaltado, que é a padronização, pois os produtos são produzidos da mesma forma, industrializados e distribuídos pelas transnacionais em boa parte do mundo. Então, é possível que se encontre a mesma comida tanto aqui como em outros países.

Na Europa depois da Segunda Guerra Mundial se consolidou as políticas da PAC (Política Agrária Comunitária) dos países membros com o objetivo de abastecimento e autossuficiência de alimentos para a população e a indústria alimentar e reduzir as desigualdades dos países membros. No decorrer do tempo, a PAC sofreu mudanças e estas foram de encontro com os objetivos do capital. Isso

⁵ Aulas expositivas e slides Professor Doutor José Antônio Segrelles Serrano.

⁶ Aulas expositivas Professor Doutor José Antônio Segrelles Serrano.

se reflete no Brasil como modelo de desenvolvimento onde expulsa os pequenos agricultores ou diminui os incentivos. Segundo Brenes (2009, p. 381):

La substitucion progressiva de los precios de garantia por ayudas directas basadas em los rendimientos históricos consolido el trato favorable a los agricultores e las regiones com mayores rendimientos (em su mayoría, de los Estados miembros Del norte). Los agricultores de lãs regiones com menores rendimientos fueron de nuevo los menos favorecidos, lo que además mantiene El reparto desigual de los fondos públicos comunitários. La misma Comisión Europea reconoce que el 80% de lãs ayudas van al 20% de los productores⁷.

No decorrer das políticas da PAC esta sofre mudanças e reformas de acordo com as leis do capital, sendo assim, boa parte dos recursos são destinados para as políticas de mercado. Com isso, as consequências são das mais variadas, como o alto custo de produção, o abandono das propriedades, é o que confirma Brenes, (2009, p. 386 Tradução nossa):

La desigual distribución de las ayudas, en la que un pequeño grupo de explotaciones recibe grandes sumas de dinero y un numeroso tiene uma pequeña participación en el total, y los escasos recursos que se destinan a la financiación del desarrollo rural⁸.

Muito parecido com o Brasil, as políticas do governo para a agricultura em 2011 - Plano Safra 2011/2012, como em outros anos, e os recursos destinados ao agronegócio foram muito maior do que o destinado para a agricultura camponesa e familiar.

Segundo Lino Moura (2011), para a agricultura Patronal está disponível 107 bilhões e para a Agricultura Familiar 16 bilhões. É nítida a desigualdade de recursos, porém, vale salientar que o total de recursos destinados para a agricultura camponesa e familiar no decorrer dos anos não é acessada em sua totalidade.

⁷ A substituição dos preços de garantia por ajudas diretas baseadas nos rendimentos históricos consolidou um tratado favorável aos agricultores das regiões com maiores rendimentos (em sua maioria, dos Estados membros do norte). Os agricultores das regiões com menores rendimentos foram de novo os menos favorecidos, o que ademais mantém a partilha desigual dos fundos públicos comunitários. A mesma Comissão Europeia reconhece que 80% das ajudas vão a 20% dos produtores.

⁸ a desigualdade da distribuição de ajudas, em que um pequeno grupo explorações recebe grandes somas de dinheiro e um numeroso tem uma pequena participação no total e os escassos recursos que se destinam ao financiamento de desenvolvimento rural.

Alguns fatores que contribuem pra isso são: a burocracia nos bancos e o endividamento dos agricultores, entre outros.

3 CONCLUSÃO

Diante desse contexto, podemos afirmar que as políticas de desenvolvimento do campo no Brasil são um reflexo do modelo de desenvolvimento da Europa com todas as suas características. É necessário construir um novo projeto de agricultura que contemple as agriculturas camponesas no sentido integral com novos paradigmas, colaborando para o desenvolvimento de toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

BRENER, David Garcia. La Política agrária Comunitária y la revisión de 2008. In: **Revista de Economia Institucional**. Vol. 11, n. 20, 2009.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **Agricultura familiar produz mais em menor área.** (2009). Disponível em: <http://www.mda.gov.br/portal/noticias/item?item_id=3594546>. Acesso em: 15 abr. 2013.

MOURA, Lino. Plano de Safra 2011-2012 e a Agricultura Familiar. **Mais Rural**. (2011). Disponível em: < <http://maisrural.com.br/?p=166>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

PALUDO, Conceição (Org.) **Mulheres, resistência e luta: em defesa da vida**. São Leopoldo: CEBI, 2009.

PLANO SAFRA 2011/1012. **Agricultura Familiar**. (2011) Disponível em <<http://maisrural.com.br/?p=166>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

REIS, N. G. **Evolução urbana do Brasil 1500/1750**. São Paulo: Pini, 2000.

SERRANO, José Antônio Segrelles. Las Políticas Agrorurales de la Unión Europea y su Preción Econômica y Social sobre los Espacios Rurales Latino Americanos. (Aula expositiva). **Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia FCT/UNESP**. Campus Presidente Prudente/SP, (2011).

SPEYER, Anne Marie. **Educação e Campesinato**. Uma educação para o homem do meio rural. São Paulo: Loyola, 1983.